

13º SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ALMEIDA
13th INTERNATIONAL SEMINAR OF ALMEIDA

SOBERANIAS EUROPEIAS E FORTALEZAS ABALUARTADAS
EUROPEAN SOVEREIGNTIES AND BULWARKED FORTRESSES

(22) 23 | 24 (25) AGOSTO AUGUST, 2019

22, quinta-feira / *thursday*

- CHEGADA DOS CONVIDADOS / *ARRIVAL OF GUESTS*

23.08.2019, sexta-feira de manhã / *Friday morning*

CEAMA – Porta Exterior de Santo António / *External Gate of Santo António*

9H30 – Recepção / *Reception*

10H00 – SESSÃO DE ABERTURA e 1ª CONFERÊNCIA / *OPENING SESSION AND 1st CONFERENCE*

- Paula Sousa, Directora do CEAMA / *Director of CEAMA*

- João Campos, Consultor do Município / *Municipal Consultant*

- António Machado, Presidente da Câmara Municipal / *Mayor*

10H30 – Conferência de MARGARIDA VALLA / *Conference by MARGARIDA VALLA*

RESUMO

A Praça-Forte e a Paisagem Militar: Prática e Teoria em Portugal

A cidadela tomou um lugar importante nas cidades no Renascimento, reforçando o significado do castelejo medieval, onde se alojava o príncipe ou alcaide da cidade. Mas, agora, a sua função destinava-se a albergar uma guarnição, que não só serviria para defender a urbe de ataques exteriores, como para controlar alguma sublevação da população citadina, desta forma a sua configuração tinha que ter baluartes virados para o interior da cidade, assim como eram direccionados para o exterior.

Para Alberti a cidadela era uma pequena cidade, mas deveria situar-se dentro e fora da urbe. A guarnição que defendia a cidade alojava-se neste espaço fortificado, assim como os armazéns para munições e armas. As cidadelas de Turim e de Antuérpia desenhadas no séc. XVI por Francesco Paciotto de Urbino ficaram célebres não só pela sua eficácia, como pela sua estética baseada na sua forma poligonal perfeita.

A *Praça-Forte* toma, no século XVII, o papel da cidadela renascentista, prevalecendo os conceitos: a cidadela, se existe, passa a ser um elemento do sistema da fortificação urbana que tem que se relacionar com o todo. A cintura de fortificação é concebida segundo este conceito, assim como os seus elementos de composição: as cortinas, os baluartes e todo o pormenor do seu desenho tinham que ser proporcionados com o conjunto e de acordo com o seu uso.

Numa *Praça-Forte* a cidadela representava o poder militar, ou seja, o poder central. Por isso ela simbolizava, dentro do recinto urbano fortificado, a centralização do poder inerente ao desenvolvimento das monarquias absolutas. Corresponde não só ao último reduto na defesa da cidade, mas continuava a ter essa imagem de dominação, ligada agora directamente às instituições estatais. A táctica militar aconselhava a ocupação do local onde o inimigo mais facilmente se instalava para atacar e dominar, por isso, nesta perspectiva a cidadela era o elemento mais importante do sistema de defesa da cidade.

As cidadelas que prevaleceram em Portugal foram quase todas edificadas no período filipino (1580- 1640), para defesa de portos marítimos, como o forte de S. Filipe (1582) em Setúbal. Em Cascais, a fortaleza da Nossa Senhora da Luz tornou-se a grande cidadela, só edificada no início da Restauração. Em Viana do Castelo, o castelo de São Tiago iniciou-se com a *rocca* manuelina de defesa do porto, para se transformar na cidadela da vila, assim como em Peniche as obras iniciadas no reinado de D. João III deram origem à grande fortaleza terminada após a Restauração.

Em Portugal, como a rede urbana já estava praticamente estabelecida desde a Idade Média, esse diálogo entre a cidadela e o espaço urbano dilui-se nas fortificações edificadas no século XVII após a Restauração (1640). O recinto medieval torna-se de início o espaço para as instalações militares, deixando de funcionar

como centro cívico, mas gradualmente esses equipamentos vão ocupar espaços públicos, reformulando a estrutura urbana. Neste contexto, a definição da cintura da Fortificação Moderna ficava condicionada à localização do recinto medieval que tinha uma ligação directa para o exterior. Às muralhas medievais foram acrescentados em seu redor pequenos baluartes, que levaram mais uma vez a destruições de habitações que lhe estavam anexas, sendo este, sempre, um factor de grande ponderação na apreciação dos projectos.

Em Estremoz, a sua vila medieval, implantada numa colina, transformou-se numa verdadeira cidadela, onde foi necessário derrubar vários bairros que a circundavam. O forte de S. Francisco, quadrangular, edificado em Chaves, constituiu uma das poucas cidadelas novas construídas em Portugal, determinando o desenho da nova cintura de fortificação. A cidadela de Vila Viçosa (séc. XVI), desenhada por Benedetto de Ravena, simbolizava o poder da Casa de Bragança e, na Restauração, as obras centraram-se no reforço desta fortaleza, transformando a vila medieval em cidadela. Como em Estremoz e em Chaves, em Vila Viçosa a cidadela isolava-se como uma ilha no território urbano, pela necessidade da criação da *esplanada* que funcionava em toda a área envolvente, dentro e fora do espaço urbano, à imagem da cintura fortificada da cidade.

Numa cidade fortificada ao “moderno” ou seja na *Praça-Forte*, para além da inserção da cidadela no recinto fortificado, houve uma alteração radical na relação cidade-território: a estrutura urbana configurava-se segundo a lógica militar, o perímetro da área militar alargava-se e diluía-se na paisagem. É neste território, ou neste espaço, que a dialéctica do ataque e da defesa se manifesta, o que obrigou à criação de sistemas complexos com várias cinturas de fortificação. As áreas de implantação dessas obras de fortificação eram muitas vezes de dimensão igual ou superior à própria vila ou cidade. Os equipamentos militares e as obras da segunda cintura cresciam numa relação directa. As obras exteriores aumentavam quando a cidade continuava a ser politicamente importante para a defesa do Estado, correspondendo a grandes investimentos financeiros.

Esta área envolvente não edificada transformou a relação campo-cidade, criando assim uma barreira intransponível e constituindo um território militar. A dialéctica cidade-campo tomava agora contornos diferentes, as rupturas eram mais acentuadas, o espaço urbano distanciava-se do campo, das zonas agrícolas onde se produziam os produtos que forneciam os habitantes citadinos. O espaço militar era agora propriedade do poder central, assim como o controle do território da sua área envolvente *non aedificandi*, e adjudicado aos engenheiros militares, configurando uma *Paisagem Militar*, interior e exterior à urbe.

ABSTRACT

«Piazza-Forte» and the Military Landscape: Practice and Theory in Portugal

The citadel took an important place in the Renaissance cities, reinforcing the meaning of the medieval inner castle, where the prince or the lord of the city was lodged. But, now, its function was to house a garrison, which would serve not only to defend the city from external attacks, but also to control some uprising of the city population, thus its configuration had to have bulwarks facing the interior of the city, as they were directed abroad.

For Alberti the citadel was a small town, but it should be situated in and out of the city. The garrison that defended the city was lodged in this fortified space, as well as the warehouses for ammunitions and guns. The citadels of Turin and Antwerp, drawn in the 16th century by Francesco Paciotto of Urbino, became famous not only for its effectiveness, but also for its aesthetics, based on its perfect polygonal shape.

In the seventeenth century the stronghold took the role of the Renaissance citadel, with the prevailing concepts: the citadel, if it exists, becomes an element of the urban fortification system related to the whole. The fortification walls is conceived according to this concept as well as its elements of composition: curtains, bulwarks and all details of its design had to be provided with the whole and according to its use.

The citadel of a stronghold represented the military power, the central power. Hence it symbolized, within the fortified urban area, the centralization of power inherent in the development of absolute monarchies. It corresponds not only to the last and strongest position to the defense of the city, but it continued to have this image of domination, now directly linked to state institutions. Military tactics advised the occupation of the place where the enemy most easily installed to attack and dominate and so, in this perspective, the citadel was the most important element of the defense system of the city.

Almost all the citadels that prevailed in Portugal were built during the Philippine period (1580-1640), mainly to defend seaports, such as the fort of S. Filipe (1582) in Setúbal. In Cascais, the fortress of Nossa Senhora da Luz became the great citadel, was built at the beginning of the Restoration. In Viana do Castelo, the castle of São Tiago began with the Manueline Rocca to defend the port, to become the citadel of the village, as well as in Peniche the works begun in the reign of King João III gave rise to the great fortress finished after the Restoration.

In Portugal, as the urban network was practically established since the Middle Ages, this dialogue between the citadel and the urban space is diluted in the fortifications built in the seventeenth century, after the Restoration (1640). The medieval precinct initially becomes the space for military installations, ceasing to function as a civic center, but gradually those equipments will occupy public spaces, reformulating the urban structure. In this context, the definition of the walls of the Modern Fortification was conditioned to the location of the medieval enclosure, which had a direct connection with outside. To the medieval walls were added small bulwarks, which led once again to the destruction of annexed houses, which is always a factor of great consideration when the appreciation of the projects.

In Estremoz, its medieval village, set in a hill, became a true citadel, where it was necessary to overthrow several neighborhoods that surrounded it. The quadrangular fort of S. Francisco, built in Chaves, was one of the few new citadels built in Portugal, determining the design of the new fortification belt. The citadel of Vila Viçosa (16th century), designed by Benedetto de Ravenna, symbolized the power of the House of Bragança and, in the Restoration, the works focused on strengthening this fort, transforming the medieval village into a citadel. As in Estremoz or Chaves, in Vila Viçosa the citadel was isolated like an island in the urban territory, due to the need to create the esplanade in the entire surrounding area, inside and outside the urban space, as it happens with the city's fortified belt .

In a city fortified as "Modern" (Piazza-Forte), besides the insertion of the citadel in the fortified enclosure, there was a radical change in the relation between the city and the territory: the urban structure was configured according to the military logic, being the perimeter of the military area widened and thinned into the landscape. It is in this territory, or in this space, that the dialectic of attack and defense is manifest, which forced the creation of complex systems with several fortification belts. The areas of implantation of these fortification works were often of equal or superior dimension to the own town or city. The military equipment and the second belt works grew in a direct relation. The exterior works increased when the city remained politically important for the defense of the State, corresponding to large financial investments.

This unbuilding surrounding area transformed the countryside-city relations, thus creating an insurmountable barrier and constituting a military territory. Then, the city-countryside dialectic took different forms, the ruptures were more profound, the urban space distanced itself from the countryside, from the agricultural zones which products supplied the city. The military space was now the property of the central power, as well as the control of the territory of its surrounding non aedificandi, and awarded to the military engineers, shaping a Military Landscape, interior and exterior to the city.

11H30 – Intermezzo

MOISÉS CAYETANO ROSADO - Pré-lançamento da edição do último número da revista "O Pelourinho", com as actas da Jornada de Olivenza (Março 2019) / *Pre-launching of the issue of last number of "O Pelourinho" with the proceedings of Olivenza' Journey (March 2019)*

11H45 – Coffee-break

12H15 – 1ª SESSÃO DE DEBATE secretariado para integrar as Actas do Seminário, com participação dos conferencistas e do painel de convidados, apelando à participação activa de todos os inscritos /**1st SESSION OF DEBATE** with secretariat to integrate the proceedings of the Seminar, with the participation of the speakers and the panel of guests, calling for the active participation of all participants.

13H00 – Fim da sessão / End of session

13H30 – Deslocação organizada para a aldeia de MIUZELA. Almoço dos conferencistas, convidados e participantes inscritos / **Organized move to the village of MIUZELA.** Luncheon for speakers, guests and registered participants

17H00 – regresso a Almeida / returning to Almeida

Actividades livres, sugerindo-se (mediante consulta junto do secretariado do Seminário sobre as condições a observar): / *Free activities, suggesting (through consultation with the secretariat of the Seminar on the conditions to be observed):*

- Spa da FONTE SANTA (com pagamento de taxas de serviço); / *Spa of FONTE SANTA (with payment of service fees);*

- Passeio por pontos de interesse da Fortaleza / *Tour visiting some points of interest in the Stronghold .*

19H30 – Jantar dos convidados na Messe do acampamento / **Dinner** for guests at the Camp Messe.

24.08.2019, sábado de manhã / Saturday morning

10H00 – 2ª CONFERÊNCIA e SESSÃO DE ENCERRAMENTO / 2nd CONFERENCE AND CLOSING SESSION

- João Campos, Introdução aos trabalhos / *Introduction to the works*

10H30 – Conferência de ANNA MAROTTA / Conference by ANNA MAROTTA

SISTEMI BASTIONATI NEL TERRITORIO DELLA DIFESA IN EUROPA. ESEMPI IN PIEMONTE DAL XVII AL XIX SECOLO.

ANNA MAROTTA POLITECNICO DI TORINO

1 - Il teatro della difesa in Europa. Complessità dalla Storia e dalla Tradizione. Sistemi fortificati: reti, fonti, matrici, protagonisti, esempi.

Da sempre, nella vita dell'umanità, il tema (l'esigenza) della difesa è stato tra i più importanti, talvolta anche più dell'alimentazione. Lo stesso continente europeo (dal Baltico al Mediterraneo) mostra un territorio profondamente plasmato - nei suoi processi costitutivi - (anche culturali, e anche come paesaggio) dai sistemi difensivi caratterizzati e stratificati secondo logiche diversificate nel tempo e nello spazio, a loro volta connesse a strategie difensive, (dalle tecniche offensive derivate), spesso abbinate al ruolo di deterrenza interna necessaria ai governi assolutistici. L'Europa appare disseminata di esempi di fortificazioni, tra le più varie, che hanno subito sorti completamente diverse tra loro a causa delle condizioni politiche che si sono andate delineando. I sistemi difensivi e le ragioni ad essi correlate, si sono trasformate nel tempo seguendo i cambiamenti politici del territorio e dei relativi confini, nel passaggio da un reticolo di stati minori, (ognuno teso a proteggere i propri confini) a superstati sovrani, simili alle attuali nazioni. Fasi scandite da tempi diversi, come mostrano gli esempi tre nazioni come la Spagna, la Francia e l'Italia: le prime due già a fine del Medioevo ebbero grandi modifiche politico-territoriali; la Francia tra la fine del XV sec.- inizi del XVI con la fine degli ultimi due grandi Principati (Borgogna e Bretagna) e la Spagna con la "Riconquista" del 1492. Per tali nazioni si presentò l'esigenza di fortificare i perimetri esterni, marittimi e terrestri (i cosiddetti "confini naturali", allentando le difese "interne"), mentre l'Italia ancora nel diciottesimo/diciannovesimo secolo vedeva la presenza di innumerevoli stati "interni" al futuro territorio unitario, indebolita dall'Unità nazionale.

All'interno di mappature e periodizzazioni, approcci metodologici e tematizzazioni gran parte del mio intervento si fonda sulle fortificazioni "alla moderna", ampiamente rappresentate in Piemonte e riconoscibili per sistemi territoriali. La regione presenta infatti diversi sistemi – originati e sviluppati anche dalle diverse configurazioni orografiche: montana, di collina, di pianura – assunti come modelli per analoghe strutture a scala europea e significativi nelle diverse articolazioni in rete. Il territorio dispone di rilevanti complessi architettonici (Castelli, Forti, Mura, Cittadelle), a vari livelli di conservazione, ma anche di un patrimonio documentale, significativo nel suo genere: rilievi e indagini puntuali sul territorio saranno incrociati con analisi di materiali archivistici (trattatistici e iconografici), custoditi presso l'Archivio di Stato e la Biblioteca Reale di Torino, a testimonianza del contributo applicativo di figure chiave nell'arte del fortificare (Guarino Guarini, Carlo e Michelangelo Morello, Ignazio Bertola, Lorenzo Bernardino Pinto).

Si tratta di strutture con forme geometriche differenti (che, a volte rispettano fedelmente le leggi teoriche, altre seguono le esigenze specifiche del luogo) che disegnano e rimodellano il territorio: dal castello alla cittadella, fino alla definizione delle città di fondazione, dove sono ripercorse e perseguite le regole della geometria.

La selezione critica degli esempi di Cittadelle e Città di fondazione (nel nostro caso specifico a forma “regolare”, prevalentemente esagonale) esistenti in ambito europeo, delinea un percorso conoscitivo su similitudini e/o difformità tra le diverse realtà e tipologie.

Una prima sintesi potrebbe comprendere una selezione di tipi esagonali (regolari e/o irregolari) “alla moderna”, basato su un criterio morfologico-geometrico, comprendenti Cittadelle e città di fondazione. Insieme al caso alessandrino possono essere comparati casi quali Charleroi in Belgio, Karlovac in Croazia, Naarden nei Paesi Bassi, Perpignan e Charleville in Francia, ecc.

2 - Forti e cittadelle: tipi nel Piemonte sabauda, e non. Sistemi per la difesa nell’Alessandrino

Per quanto riguarda il Piemonte, pur astenendoci da una classificazione netta e rigorosa, completa ed esaustiva (ancora non possibile allo stato attuale della ricerca) fra i tipi di montagna segnaliamo: il forte della Brunetta, Exilles, Fenestrelle, Demonte. E ancora: il forte di Vinadio, il Forte di Bard in Val d’Aosta, le fortificazioni di Bene Vagienna, di Fossano, di Cuneo. Mentre per le città: la Cittadella e le mura di Torino, la Cittadella di Mondovì, il Castello e la cinta di Ivrea. Nella stessa regione, Un capitolo particolarmente significativo è quello costituito dal sistema difensivo nell’ Alessandrino: il Castello e la Cittadella di Casale, il forte di Gavi e quello di Tortona, la fortificazione di Valenza, la Cittadella di Alessandria, con la cinta fortificata della città e il completamento dei piccoli forti a raggiera intorno al perimetro difeso.

Dal Medioevo fino al diciannovesimo secolo, il patrimonio di architettura per la difesa nel territorio di Alessandria in Piemonte costituisce un coerente sistema di esempi che saldano la teoria dei manuali con la pratica della costruzione, volta a proteggere luoghi e città in questa regione. Da Sebastien Vauban al "padre ingegnere" Vincenzo da Fiorenzuola, da Gaspare Beretta e a Lorenzo Bernardino Pinto e Giuseppe Ignazio Bertola, (e oltre) la presenza di progettisti e delle loro realizzazioni in questo settore è configurato come autentica e tangibile "antologia di modelli per la difesa" in Europa, per la quale ho messo in campo per vent'anni una ricerca scientifica sistematica.

Nei secoli sedicesimo e diciassettesimo il Piemonte era, per il sud Europa, quello che le Fiandre rappresentavano, nello stesso periodo, per il nord Europa. Terra di confine dove le superpotenze di allora, Francia, Spagna, Austria, lo consideravano terra di passaggio, di occupazione, di guerra, di scambio. In effetti il Piemonte (o parti di esso) cambiava “padrone” ogni qual volta i Grandi litigavano per qualche “successione” o dopo che venivano stipulati trattati internazionali tra questi super colossi militari. Il Piemonte, era un territorio fortemente frantumato in signorie, ducati e marchesati, dove il ducato che più avanti si sarebbe imposto, quello dei Savoia, era ancora troppo debole per poter dominare una situazione così fluida e cangiante. Solo a metà del diciottesimo secolo e dopo un susseguirsi di annessioni conseguenti al Trattato di Lione del 1601 (acquisizione del Marchesato di Saluzzo) e i seguenti Trattati di Ratisbona e di Cherasco del 1630/1 (acquisizione del Marchesato del Monferrato dai Gonzaga di Mantova) e i successivi acquisti di Alessandria, Valenza e il resto del Monferrato, con la regione della Lomellina e la Val Sesia inglobati con la pace di Utrecht del 1713, si aggiunsero Novara, Tortona e i territori a confine con il fiume Ticino con la pace di Aquisgrana del 1748.

Ma prima che il Piemonte conoscesse questo lento processo di unificazione interna, tra la fine del 16mo secolo e la metà del 18mo, per circa tre secoli, rimase diviso in circoscrizioni politiche e amministrative diverse, dalla precaria definizione dei confini, all’interno dei quali veniva reso molto complesso lo spostamento di truppe e materiali, per cui la costruzione delle fortezze cosiddette “alla moderna” diveniva essenziale per il sistema difensivo delle superpotenze di allora.

In particolare, in questo quadro generale politico-militare, per l’Alessandrino si possono sintetizzare per cronologie, polarizzazioni e tipologie le seguenti fortezze e cittadelle: Casale – Gavi – Valenza – Tortona – Alessandria.

3 - La cittadella di Alessandria, un’antologia di tipi per la difesa.

Nel 1728 Vittorio Amedeo II di Savoia decretò che dovesse sorgere ad Alessandria una grande e imponente cittadella, in quanto l’area stava assumendo sempre più una importanza strategica per lo Stato Subalpino quale baluardo primario orientale. Ma il complesso delle cinte difensive, così come era pervenuto ai Savoia, era di enormi dimensioni, tale da pregiudicare la gestione militare, per l’insufficiente presenza di truppe. Già il presidio spagnolo sul finire del Seicento aveva tentato di ridurre, senza successo, il perimetro fortificato. Si apre così un dibattito tra esperti, perché per ottenere

nella città una piazzaforte militarmente valida non si poteva non confrontarsi con un sistema difensivo esistente, vasto, complesso e obsoleto, da adeguarsi in tempi relativamente brevi “alla moderna”. Per cui negli anni che precedono la determinazione di erigere il manufatto il dibattito è molto vivace e coinvolge una molteplicità di proposte e controproposte derivanti due concezioni diverse: una posizione si rifà alle teorie di Vauban, mentre la seconda, che raccoglie grandi attenzioni viene dedicata a ipotesi alternative di matrice asburgica. Come c’era da attendersi nascono *querelles* tra le varie concezioni e anche il progetto di Bertola, Primo Ingegnere del Re di Sardegna, Carlo Emanuele III, non rimane avulso da grosse critiche decisamente negative. Alla fine il progetto dell’ingegnere piemontese prevalse, perché il medesimo dimostrò di aver tenuto in ampia considerazione le esplicite istanze di chi si intendeva rifarsi ai modelli dell’olandese barone Coehorn che così grande successo aveva avuto nella progettazione delle fortezze che potessero permettersi la difesa in tempi molto lunghi durante gli assedi, e più efficace in presenza di corsi d’acqua.

Giuseppe Ignazio Bertola inizia i suoi studi sulle fortificazioni e in particolare sugli esagoni regolari sviluppandoli dai Trattati di Claude Flamande (1597) Donato Rossetti (1678) Allain Manesson Mallet (1684) Blaise Francois Pagan (1689) Doroteo Alinari (1692), Jacques Ozanam (1694) Naudin (1695) Menno van Cohorn (1706) e Abbott Du Fay' s nell’interpretazione del Trattato di Sebastien Vauban (1707) questo è ricordato in un suo *Dizionario-Repertorio* (non pubblicato) di Bertola nel 1721 (conservato in Archivio di Stato di Torino). Fra gli ultimi aggiornamenti sul pensiero di Bertola sulla Fortezza Alessandrina si veda la *Relazione del Congresso tenutosi davanti S.E il signor Conte Bogino in cui sono intervenuti i signori Commendatori De Vincenti e D'Antoni, signor capitano Soleri e architetto Borra*. (datato 1761 in Archivio di Stato di Torino)

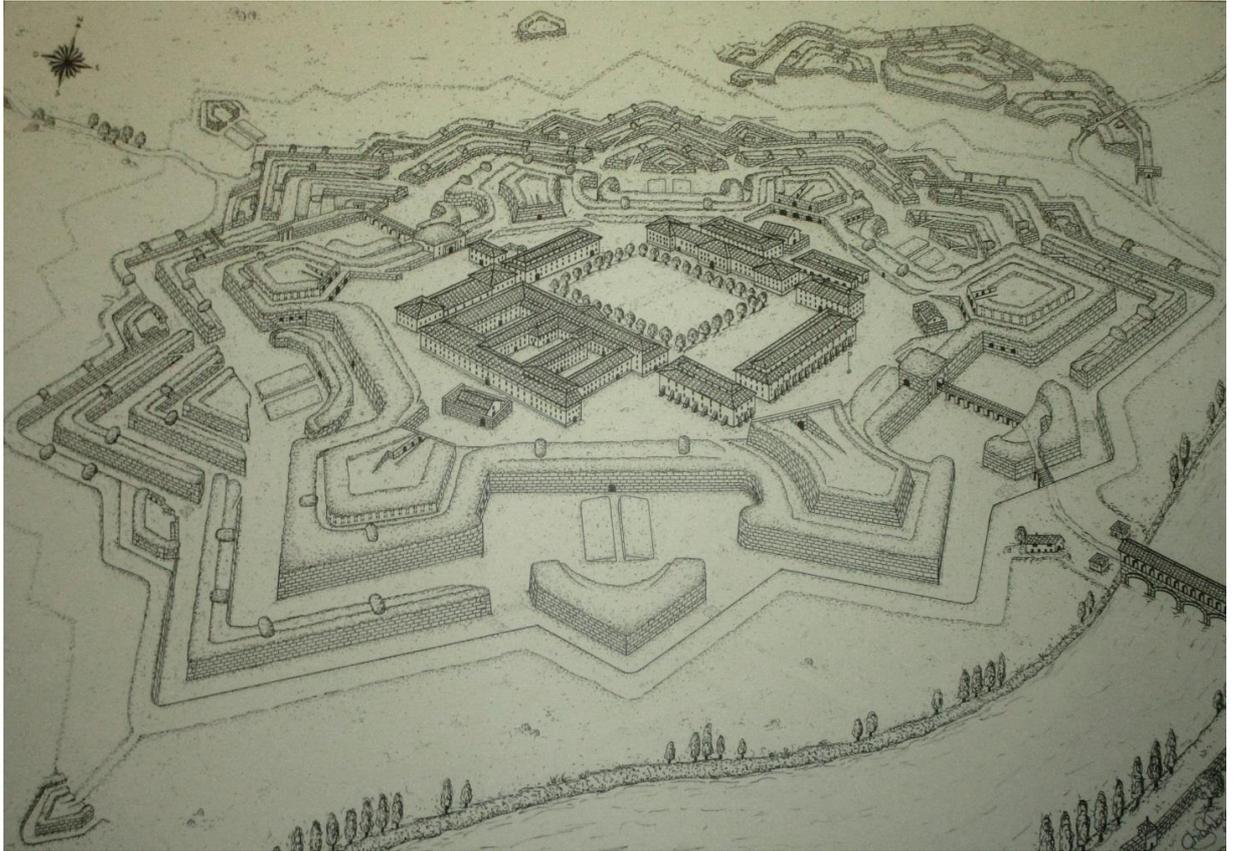
In epoca napoleonica, la cittadella di Alessandria fu al centro di particolari attenzioni dal Bonaparte, che da esperto in materia capi immediatamente l’importanza della fortezza e non solo la escluse dal piano di demolizioni di tutte le piazzeforti piemontesi (tranne Torino) da lui volute, ma a dimostrazione della sua importanza volle realizzare un grandioso progetto con nuove imponenti strutture che partivano dal ripristino delle fortificazioni danneggiate dall’assedio del 1799 e si estendevano intorno alla città con nuove opere difensive disposte su una doppia cinta approssimativamente ellittica, oltre alla realizzazione di numerosi edifici militari.

4 - Alessandria-Almeida: analogie e difformità

Fra i possibili nuovi filoni di ricerca, interdisciplinari e transdisciplinari, si propongono i seguenti:

- 1- Almeida e Alessandria, (e non solo) analogie e difformità. Autori, trattati, costruzione, rappresentazioni.
- 2- Ricostruzioni dalle geometrie dei trattati e documenti.
- 3 -Rappresentazioni nell’arte.
- 4- Valorizzazione, scambi di progetti di ricerca.

Avviare una comparazione fra le due fortezze di Almeida e Alessadria, alla luce degli approcci metodologici sopra citati: tipologici, formali, strutturali, tecnologici, senza dimenticare – dal “tracciamento in carta al tracciamento in terra” il contributo (anche teorico) dai trattati derivato. Irrinunciabile e prioritario si conferma il libro di Antoine de Ville (1640) *Les fortifications du chevalier Antoine de Ville, contenentes la manière de fortifier toute sorte de places tant quindici, qu'irregulierement en quelle assiete qu'elles soient; comme aussi les ponts, passages, entre'es de rivieres, port de mer: (...) forts, Citadelles; le moyen facile de tracer sur le terrain. Le tout à la moderne, comme il se pratique dans les meilleures places de l'Europe, demontre' & calcule'par les sinus & logarithmes. Avec l'ataque,tles moyens de prendre les places (...)*.



11H30 – Intermezzo

STEPHEN SPITERI – Proposta de um Glossário de termos da Arquitectura Abaluartada para uso na redacção do dossier de candidatura das “Fortalezas Abaluartadas da Raia” a Património Mundial / *Proposal of a Glossary to be used in the writing of the dossier to apply the “Burwark Fortifications of Raia (Borderland)” as World Heritage.*

11H45 – Coffee-break

12H15 – 2ª SESSÃO DE DEBATE secretariado para integrar as Actas do Seminário, com participação dos conferencistas e do painel de convidados, apelando à participação activa de todos os inscritos. / **1st SESSION OF DEBATE** with secretariat to integrate the proceedings of the Seminar, with the participation of the speakers and the panel of guests, calling for the active participation of all participants.

13H15 – SESSÃO DE ENCERRAMENTO, Presidente da Câmara Municipal / *Mayor.*

13H30 – Deslocação organizada para a aldeia de MALPARTIDA. Almoço dos conferencistas, convidados e participantes inscritos / **Organized move to the village of MALPARTIDA.** Luncheon for speakers, guests and registered participants

17H00 – regresso a Almeida / returning to Almeida

Actividades livres, sugerindo-se as Comemorações do Cerco de Almeida no espaço urbano da Praça-forte / *Free activities, suggesting the Commemorations of Almeida’ Siege in the urban spaces of the Stronghold.*

– Jantar livre no ambiente das Comemorações, seguindo-se a Recriação Histórica e o fogo de artifício / **Free dinner** in the ambience of the Commemorations, following by the Historical Re-enactment and fire-works.

25, domingo / sunday

PARTIDA DOS CONVIDADOS / *GUESTS DEPARTURE*